



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DISTÚRBIOS EMOCIONAIS, COGNITIVOS E COMPORTAMENTAIS
NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Docente: Profa. Dra. Carmem Beatriz Neufeld

Monitoras: Dnda. Myrian Silveira, Me. Isabela Rebessi, Me. Beatriz Lobo, Me. Fernanda Esteves, Me. Isabella Wada, Mnda. Camila Amorim, Psic. Alessandra Rezende, Psic. Eloha e Psic. Mariana Risso.

CASO CARLOS – PARTE 1

Carlos é um garoto de 8 anos de idade que foi encaminhado para o atendimento psicológico pela escola. Carlos é estudante de uma escola particular relativamente pequena, que atende alunos da pré-escola até o ensino fundamental II. A escola está localizada na região central de Belo Horizonte. Carlos está atualmente matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental I. Na última reunião de pais, os pais de Carlos foram chamados para conversar particular com as duas professoras e a diretora da escola que lhe entregaram um relatório de encaminhamento para o atendimento psicológico.

O relatório dizia que Carlos não tinha problemas relacionados à aprendizagem, ao contrário, até ia melhor quando comparado aos coleguinhas, porém, as professoras começaram a observar que Carlos estava apresentando muita timidez. Esse comportamento estava impactando bastante tanto a interação dele com os colegas quanto a participação dele nas atividades escolares. Por exemplo, Carlos não levantava a mão para fazer perguntas ou até responder perguntas quando solicitado, ele sentia muita vergonha. No relatório também dizia que esses comportamentos não eram tão evidentes ano passado, quando os alunos voltaram para a aula presencial e por causa dessa piora, os professores acharam melhor recomendar a psicoterapia.

Os pais de Carlos entraram em contato com o psicólogo para marcar a consulta e enviaram previamente o relatório da escola antes do atendimento. Os pais, Carlos e o irmão Caio (7 anos), compareceram à primeira consulta, na qual seria realizada uma primeira entrevista com os pais. Quando o psicólogo foi cumprimentar o Carlos, ele abaixou a cabeça e se enfiou atrás das pernas de um dos pais. Carlos só levantou a cabeça para falar oi quando o psicólogo se abaixou perto dele perguntando se ele gostaria de

conhecer a sala de jogos e seu irmão o pegou pela mão para mostrar que estava tudo bem. Os pais e o psicólogo levaram Carlos e o irmão até a sala de jogos (monitorada por um recreador), os garotos ficaram à vontade para brincar, apesar de Carlos se mostrar bastante ansioso naquele ambiente novo, sem interagir muito com o recreador. Os pais explicaram que iria com o psicólogo para conversarem na sala ao lado e que poderiam pedir ajuda ao recreador para chamá-los caso necessário.

Durante a entrevista com os pais, eles explicaram um pouco sobre a história da família. Carlos é filho adotivo de João (35 anos, engenheiro químico) e Miguel (32 anos, estilista). João e Miguel estão casados há cerca de 15 anos. Os pais adotaram Carlos e seu irmão mais novo (Caio), após passarem quase 3 anos na fila de adoção. Carlos tinha por volta de um ano quando foi para casa com seus pais adotivos, enquanto seu irmão estava com 3 meses de vida. Os pais relataram que sabiam poucas informações da mãe biológica dos meninos, eles sabiam que ela era usuária de drogas e que os meninos eram do mesmo pai biológico.

João disse: “Carlos sempre foi uma criança quietinha, nunca nos deu muito trabalho, o Caio é mais agitado e às vezes percebo que ele pega as coisas mais rápido que o Carlos, acredito que é porque o Caio é mais proativo”. Miguel completa: “a gente estranhou um pouco esse comportamento de Carlos na escola sabe, porque com a gente ele não mostra muito essa timidez, só quando a gente sai e ele vê pessoas novas, mas achamos que isso era normal pra ele, que faz parte da personalidade dele mesmo”.

Em relação aos marcos do desenvolvimento, os pais relataram que em comparação com o irmão, Carlos sempre estava um pouco atrasado, mas que achavam que o irmão também poderia estar muito adiantado. Por exemplo, Caio começou a falar quando tinha 11 meses, mas Carlos, não falava frases inteiras até um ano e meio. Miguel: “Uma coisa que acontecia muito é que Carlos não fala para gente o que ele queria, ele ia lá e puxava a gente pela mão, às vezes até “usava” o irmão para ajudar a se comunicar com a gente”

Além disso, Carlos também demorou um pouquinho para andar, eles souberam da assistente social que aos 9 meses ele deu seus primeiros passinhos, mas que por causa da falta de estimulação no abrigo onde estavam, com 12 meses, Carlos estava engatinhando ainda. João conta: “nós o estimulamos muito quando foi para casa com a gente, ficamos preocupados com esse retrocesso, mas em 6 meses ele estava andando novamente, um pouco desengonçado, mas andava. Depois disso, não teve mais problemas”. Mesmo a gente observando diferenças em relação ao irmão, nós entendemos sabe? Acreditamos que cada indivíduo vai ter seu tempo e nunca o compararmos de forma negativa, isso foi

importante porque tentamos cultivar o cuidado e o apoio entre eles. O irmão o ajuda muito, como você viu lá na sala de espera.”

Apesar do atraso da fala oral, Carlos não teve problemas na alfabetização, atualmente ele já lê com fluência e escreve bem, mesmo ainda cometendo alguns errinhos de gramática. Em relação ao desenvolvimento psicossocial, os pais relatam que Carlos costumava ter mais amiguinhos na pré-escola, quando ficava na mesma sala com o irmão. Porém, no primeiro ano ele já ficou sozinho na sala e a partir daí foi mais difícil de ele fazer amizades, principalmente porque veio a pandemia. Durante a pandemia, os pais ficaram na casa de uma das avós. João fala: “ainda bem que ficamos com a minha mãe, que foi um apoio enorme pra gente, ela ama muito os meninos e os meninos têm uma confiança enorme nela”. Atualmente, Carlos tem um amiguinho mais novo que ele no condomínio, e às vezes o amiguinho vai para a casa deles brincar, mas não é sempre. Miguel acrescenta: “Carlos nunca reclamou de ficar mais sozinho, acreditávamos que para ele estava tudo bem, que ele não gostava mesmo de interagir muito.

Para finalizar, o psicólogo fez uma última pergunta: “hoje nós falamos bastante sobre as dificuldades de Carlos, mas gostaria que nós pudéssemos falar um pouquinho as qualidades e/ou as habilidades dele”. Miguel: Ah, o Carlos é muito doce e carinhoso, ele se preocupa com os outros sabe, ele faz de tudo para tentar ajudar/apoiar o outro, mesmo às vezes sem saber como fazer isso. Ele é bastante obediente, segue as regras certinho, não reclama de nada e é também estudioso e responsável” João: “acho que uma habilidade que ele tem é a memória, porque você precisa ver como ele consegue guardar as coisas fácil, ele sabe de tudo sobre National Basketball Association (NBA), quem vai jogar, os drafts e os times que vai para os playoffs, esses dias ele estava me pedindo para contar para ele a história do NBA. Nós gostamos muito de basquete lá em casa sabe, a gente sempre assiste juntos.”

Após a autorização dos pais, o psicólogo ligou para a escola e marcou uma visita para observação de Carlos na escola e para conversar com os professores e a diretora.

Questões norteadoras:

- 1 – Quais são as principais dificuldades de Carlos?
- 2 – Como a família de Carlos enxerga essas dificuldades?
- 3 – A partir das informações até o presente momento, quais hipóteses diagnósticas podem ser consideradas? Por quê?



4 – Quais outras informações são necessárias para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas acima?